

Hoje o pedido oficial brasileiro de renovação de crédito

Até hoje à noite, em Miami, o Brasil apresenta o texto de um telex pedindo a prorrogação das linhas de crédito de curto prazo, que expiram neste final de mês, ao comitê de assessoramento dos bancos credores.

O texto do telex está sendo negociado por advogados do Brasil e dos Estados Unidos desde domingo, quando o presidente do Banco Central, Francisco Gros, teve uma longa reunião com os 24 membros do comitê de assessoramento.

A notícia de uma minivitória da equipe de Gros em Miami foi posta em dúvida, no entanto, por *The Wall Street Journal* de ontem, que publicou esta informação: alguns bancos americanos estão dispostos a cortar US\$ 3 bilhões dos cerca de US\$ 15,5 bilhões que mantêm funcionando as agências de bancos brasileiros no Exterior.

Mas o presidente do Banco Central, procurado pela imprensa logo ao acordar, no Hotel Intercontinental de Miami, mostrou-se surpreso com a revelação do *Jornal*, repetindo que continua otimista quanto à manutenção das linhas de curto prazo, "essenciais para que o Brasil continue funcionando, e assim possa pagar sua dívida", como declarou a William Rhodes, vice-presidente do Citibank e coordenador do comitê de assessoramento dos bancos credores.

Dois banqueiros brasileiros, consultados em Miami pelo *JT*, mostraram-se porém pessimistas. Um deles lamentou que Francisco Gros não o tivesse convocado, junto com outros, para uma explicação do que está acontecendo: "Veja bem: o dia 31 está próximo e não sabemos como agir. Como

posso me preparar para o corte de linhas de crédito? E se a retirada for geral, crescendo como bola de neve?"

Outro desconfiou que o *Jornal* pode ter razão porque o Brasil nada mais oferece em troca do que pagar sua própria dívida, que é uma obrigação legal: "Há um ódio unânime por aqui, nos meios financeiros, e ele é todo dirigido ao Funaro".

A impressão de que alguns pequenos bancos possam retirar suas linhas de crédito circula apenas entre banqueiros brasileiros e fontes americanas, não sendo compartilhada pela equipe de Gros em Miami: "O fato de que nos pediram o texto de um telex já é muito significativo. Para que o pediram?"

O pedido de um texto, soube-se ontem, ocorreu durante o encontro "cordial" de Gros com William Rhodes e outros 24 executivos de bancos norte-americanos. Já se tinha passado por assuntos como a Resolução 63 (a dívida do Bamerindus, Maisonave e Comind nos Estados Unidos), os progressos do acordo com Clube de Paris e muitas perguntas sobre um futuro e breve plano econômico brasileiro, quando Gros perguntou: "A renovação das linhas de curto prazo será automática?"

O comitê pediu, então, que os brasileiros se retirassem, para que pudesse deliberar. Chamados de volta à sala, meia hora depois, ouviriam: "Fizam-nos um telex solicitando a extensão das linhas de crédito, que, se aprovado, se o depois repassado para a comunidade brasileira".

Segundo a fonte brasileira que resumiu o encontro de ontem com o comitê de

assessoramento dos bancos, nenhum prazo foi fixado para a prorrogação: "O mais longo possível".

O otimismo persistia ontem à tarde, entre os brasileiros. Um porta-voz do Citicorp, procurado pela imprensa, não quis desmenti-lo, mas garantiu que ainda não tinha recebido o texto do telex, o que deverá acontecer ainda hoje, antes da partida de Gros para o Brasil. Um americano, no entanto, confidenciava no *lobby* do Hotel Intercontinental, em Miami: "Nem tudo está resolvido". Um executivo do Morgan cancelou sua viagem ao Brasil, marcada para 31 de março, receando ali dias de crise com a suspensão das linhas de crédito.

Outra contradição que afasta brasileiros e americanos é quanto a possíveis medidas legais que alguns bancos possam adotar para receber seu dinheiro de volta. Gros disse aos banqueiros que as medidas tomadas pelo Brasil em 20 de fevereiro, suspensando o pagamento dos juros da dívida, "já se constituíram numa nova realidade jurídica". Quer dizer, no exemplo de um banqueiro brasileiro: "Ali ocorreu a violação. Agora o bebê já nasceu. Qualquer ação legal tinha que ser tomada na época..." Mas o *Jornal* de ontem lembra: pequenos bancos que não teriam empréstimos a longo prazo, só a curto, podem iniciar ações legais. Se todos o fizerem juntos, a situação ficará muito grave. Um cenário assim preocupava um grande empreiteiro brasileiro aqui em Miami, ontem à tarde. "Já estamos encontrando dificuldades em obter empréstimos. Quem pode confiar na gente, desse jeito?"

M.R.